

Raízes da Essência

Roots of Essence

Ton Rangel Oliveira e Silva¹, Daniel de Oliveira², Nanci Geroldo³

Resumo: Este escrito é fruto de nossa percepção filosófica de mundo que, conforme nosso desenvolvimento, percebemos sucessivas confirmações da necessidade do ser humano pelo autoconhecimento que podem ser usadas como base da aprendizagem pessoal, enquadrando-se este como artigo não-científico, mas filosófico. Abordando temas como o sentido de vida de Viktor Frankl, vocação de Olavo de Carvalho e profundas reflexões de transposições artísticas e filosóficas de maneira abstrata, esta visa compreensão maior de si mesmo. O Raízes da Essência é construído como um passeio por alguns determinados lugares. Neste estudo, daremos asas à imaginação e caminharemos por alguns lugares que nos farão refletir e, ao final, poderemos caminhar para dentro de nós mesmos ou, quem sabe, voltarmos, de fato, com o produto vivo de nossa lucidez. O objetivo de tal artigo é o de abrir as portas para o despertar intelectual e espiritual de quem deseja por assim fazer, bem como sua manutenção para que estes não venham a ser perdidos.

Palavras-Chave: Ser Humano. Percepção. Autoconhecimento.

Abstract: This writing is the result of our philosophical perception of the world that, according to our development, we perceive successive confirmations of the human being's need for self-knowledge that can be used as a basis for personal learning, framing this as an unscientific but philosophical article. Addressing themes such as Viktor Frankl's sense of life, Olavo de Carvalho's vocation and deep reflections of artistic and philosophical transpositions in an abstract way, this aims at a greater understanding of himself.

The Roots of Essence is built as a tour through some particular places. In this study, we will give wings to the imagination and walk through some places that will make us reflect and, in the end, we can walk inside ourselves or, perhaps, come back, in fact, with the living product of our lucidity. The purpose of this article is to open the doors for the intellectual and spiritual awakening of those who wish to do so, as well as their maintenance so that they will not be lost.

Keywords: Being Human. Perception. Self-knowledge.

I. BASES E PREMISSAS

A começar pelo mais importante: decidir mergulhar no grande mundo chamado essência é ter em mente a definição de filosofia. Filosofia, segundo Pitágoras, significa a busca, o prazer, o amor pela verdade que se constitui em conhecimento (Cabral, 2015). E porque seria isso o mais importante?

Somente a partir de tal amor e busca torna-se possível dotar-se do fôlego necessário para imergir no oceano da própria existência e essência individual humana e emergir então com a representação dialética, vinda da consciência tácita, daquilo que foi encontrado no mais profundo eu.

Assim como Sócrates, esta tese anuncia a essência humana como a alma, ou seja, “(...) A alma do homem é a sua consciência. A alma é o que dá ao homem a sua personalidade intelectual e moral. Cuidar de si mesmo é cuidar da própria alma mais do que do corpo”, contendo nela a verdade que tem de se sofrer a fim de que o homem possa conhecer a si mesmo, seus limites e suas possibilidades diante da vida. (UNIVESP, 2010).

O primeiro ponto a ser posto é o de que percebemos Sócrates extraindo a verdade ou conclusões do mundo exterior a partir do eu interior; e é a partir deste ponto que se separam os caminhos entre Sócrates e Raízes da Essência, ao passo que esta objetiva justamente o conhecimento do eu interior, do mundo interior, para somente então, como um batismo, retirar o indivíduo da água tendo lúcidas suas capacidades e poder elaborar suas conclusões a respeito do mundo exterior.

Ainda falando da essência, é importante imaginá-la. Imagine que ela seja uma luz que dá vida a todo o seu eu consciente desde sua constituição até todo seu aprendizado moral e, também, pela hereditariedade, tendo em vista que as constituições de partes da essência e de dons diversos adquirem-se hereditariamente também. (Pecotche, 2012)

Recordando-se do oceano da própria existência e da essência individual humana é importante ressaltar que, assim como seu nome propõe, é um lugar presente no interior de cada indivíduo, sendo suas dimensões, cheiros, sabores e densidade características de cada um, que podem fazer de sua experiência de vida uma viagem agradável ou acompanhada de alguns momentos consideravelmente úmidos por lágrimas.

II. O BOSQUE – PRIMEIRO CAMINHAR

Caminhando lentamente por um bosque, fim de tarde, sol se pondo e aquele claro clima laranja à nossa volta, vindo como um presente dos céus. O vento é agradavelmente frio e esbarra em nossa pele, acompanhado pelo calor tímido daquele que é o protagonista de tal clarão. O som das folhas a serem pisadas é agradavelmente audível também, tudo flui para uma boa reflexão.

Sentamos num banco, parecia ele estar nos esperando, dias

¹Acadêmico do Curso de Engenharia de Produção, Centro Universitário ENIAC.

²Doutor em História, Professor e Pesquisadora do NUPE, Centro Universitário ENIAC. E-mail: daniel.oliveira@eniac.edu.br

³Doutora em Literatura Portuguesa, Professora e Pesquisadora do NUPE, Centro Universitário ENIAC. E-mail: nanci.geroldo@eniac.edu.br

e dias ali prestando sua serventia.

É aqui onde se começa a primeira imersão. Você deve conhecer, com sinceridade, quão profundo você é como quão profundo consegue chegar dentro de si; ora, é possível tal descoberta pelo espírito artístico, pois a arte liberta. É, de fato, liberdade para o nosso interior (Giordano, 2012). Começemos então a provar um pouco da arte. As primeiras coisas a pensar são: como imaginar este bosque o faz sentir? Sua imaginação o força a imaginá-lo de outra maneira? Se

sim, como? E aqui a última indagação, quais sentimentos estão relacionados ao seu modo de imaginar?

Tratando de maneira mais pragmática, com sinceridade, tente imaginar esse bosque de acordo com cada sensação que achar disponível a ser imaginada, utilize-se das suas lembranças mais fixas e represente-as no seu bosque, como ele ficaria? Seja o mais honesto e sincero consigo próprio, quais são as lembranças que estão majoritariamente ao seu dispor? Você de fato consegue transpô-las para uma representação imaginável ou visível desse bosque? Começamos no ambiente mais calmo possível para que você, em âmbito neutro, possa expor o seu próprio eu nele e deixá-lo compatível com você e como tem se sentido. Permita-se um tempo de reflexão interior, tente olhar para você mesmo e tire suas próprias conclusões sobre o quanto você é e está bem ou mal consigo e com sua vida.

Após algum tempo de reflexão, você deve se sentir como “amolecido”. Sente que está mais sujeito a reflexões, pensamentos, considerações, o próprio amor em seu estado mais sólido e sincero. Independente de como está se sentindo por descobrir mais de você mesmo é muito importante que use as sensações dessas descobertas como combustível para suas criações e transposições. Estamos chamando sua alma à lucidez.

A começar pelas transposições: uma transposição é transformar coisas de uma representação para outra. Primeiramente, imagine que eu pegue uma folha que caíra no chão e lhe dou. Como ela está? Qual sensação tem ao pensar em sua representação? Agora, a partir de seu sentimento, você está livre para criar. Crie algo a partir do que você sente; seja uma bicicleta no bosque, uma outra folha, um vento, pessoas trabalhando. Vá se aprofundando naquilo que pensou, de onde veio, como você se sente ao pensar nisso, a quem pertenceu anteriormente, com quais pessoas isso tem ligação, ainda que pessoas inexistentes, criadas exclusivamente para o desenvolvimento desta reflexão.

Interiorizando toda essa experiência, tente transpor cada sentimento que lhe for disponível unicamente a uma imagem, após isso, mais uma vez, pense em todos os sentimentos ligados a essa imagem e, a partir desse sentimento, tente transpor o que imaginou de uma imagem para um som, uma melodia, sinta como soa o som que você criou; com este som crie uma personagem em uma cena de uma história que represente seu sentimento, por mais abstrata que esta seja, é sua e representa seu interior, enfim, experimente cada fase, de imagem para som, depois uma cor, um cheiro, uma forma, uma vibração. Transponha, interiorize-se.

Passamos pela criação e pela transposição, este foi seu primeiro contato com o eu, perceba como o sentimento predominante em sua imaginação é o sentimento predominante de sua vida cotidiana, a conclusão disto é que, a partir deste ponto, você sabe como está, talvez tenha descoberto muito mais. O espírito artístico, além de libertador, é vida interior (Távola, s.d.).

Levamos de um passeio agradável no bosque e caímos diretamente para o próximo lugar do nosso passeio, este sendo o exato oposto do agradável.

III. CAMPO DE CONCENTRAÇÃO – SEGUNDO CAMINHAR

Diferente do bosque, o campo de concentração será visto de maneira extrínseca. O enfoque dado a ele é o tão respeitado médico, judeu e austríaco Viktor Frankl e seu desenvolvimento sobre o sentido da vida.

Para tanto, faz-se necessário a entendimento do que seja vocação. Carvalho afirma que:

Vocação vem o verbo latino *voco*, *vocare*, que quer dizer “chamar”. Quem faz algo por vocação sente que é chamado a isso pela voz de uma entidade superior [...] Considerações de lucro ou prazer ficam fora ou só entram como elementos subordinados, que por si não determinam decisões nem fundamentam avaliações. (CARVALHO, 2013, pg 44)

Este entendimento de vocação é parte fundamental daquilo que Viktor Frankl desenvolve. Passado ele próprio pela terrível experiência de um judeu no campo de concentração de Theresienstadt, foi sua experiência empírica da vivência do absurdo que trouxe vida à sua teoria. (A Mente É Maravilhosa, 2017)

O sentido da vida baseia-se em encontrar a resposta daquilo que não poderia ser feito por mais ninguém além do próprio indivíduo. (Carvalho, 2013). Por outro lado, o sentido da vocação é o de que ninguém poderia fazer tal ação, ocupar tal posição em lugar de outrem, pois é sua a missão – ou chamado – a cumprir.

Percebemos que existem aqueles que se preparam para desempenhar suas funções, mas existem aqueles que, de fato, nasceram para tal. Isto é vocação, pode-se vê-la claramente no jornalismo de Joice Hasselmann¹, nas aulas do professor Olavo de Carvalho² ou nas tão numerosas obras de Aristóteles³.

O encontrar do sentido da vida é essencial para o despertar e para a manutenção espiritual. Não conseguimos enxergar separadamente uma vida ausente de sentido de uma folha ao vento que, por ele levada, vai sem destino de praça em praça, resultando apenas em desorientação e frustração interior (Carvalho, 2013, pg 44,45).

Como cristãos, podemos enxergar aqui a glória de Deus de

¹Demitida da TVEja em 2015, chegou em 2017 sendo eleita a principal influenciadora política do Brasil, pela Revista Negócios da Comunicação.

²Professor de lógica e filosofia, consagrado por suas grandes obras como: O Imbecil Coletivo e Aristóteles em Nova Perspectiva.

³Nascido em 348 a.C. Foi autor de inúmeras obras sobre retórica, filosofia dentre outras

maneira extrema e impassível de ofuscamento, pois, assim como o professor e produtor musical Luis Fernando de Moura Cagnin sempre indaga a seus ouvintes: “O que você pode olhar ao seu redor que não está fadado à destruição?” (Cagnin, 2016). Deus, por definição, nos oferece o transcendente, aquilo que sai deste plano, que vai além do ceticismo cientificista e permite a contemplação do sagrado e do plano eterno, ou no termo mais exato, a transcendência. Esta é a libertação do homem de tudo aquilo que o resume em mero pó neste mundo tão vasto.

Considerando uma vida de sentido e espiritualidade, não poderíamos deixar de falar da vida intelectual em si. Levando em consideração o educador, este tem por vocação ensinar os homens a cuidar da própria alma. Sócrates considerava-se – e era – um educador e, portanto, tinha como tarefa ensinar as pessoas a cuidar mais da alma para que se conhecessem e pudessem conhecer o outro.

Devemos nos libertar de nossos grilhões e partirmos em busca do conhecimento necessário para o despertar. Cremos que a fome do conhecimento se torna intrínseca ao ser quando despertada; sendo assim, nasce junto com ela o desejo pela vida intelectual sincera, a partir deste ponto, perder tal estado é como sofrer uma amputação de seu membro mais precioso.

IV. CONCLUSÃO

Necessitamos, de fato, de um sentido maior do que nós mesmos para vivermos, sentido este maior que nossa própria vida. A partir do conhecimento do mundo em que vivemos e do autoconhecimento – nosso próprio mundo, concretiza-se a realização final do homem sobre sua existência.

A partir da maiêutica, indagamos e dialogamos a respeito de nossa essência e da essência da vida; portanto, de acordo com Sócrates, é a partir do questionamento que chegamos ao autoconhecimento para entendermos o mundo à nossa volta.

Ao final de todas as reflexões, chega-se à seguinte máxima: É preferível viver uma vida breve e intensa a viver esta esvaziada de sentido, sem uma real

concretização gradual dos frutos da ascensão diária a sua vocação.

Quão bom é sentir que de fato vive para aquilo que foi designado seu nascimento. Quão bom é enxergar-se internamente e, assim, perder diariamente as crises existenciais e viver com sentido de cumprimento do dever. Quão bom é olhar para o outro e desejar a ele ascensão ao bem, é comum ouvir que o ser humano é deturpado e mau por si mesmo. Isto não está errado, mas a chegada de uma consciência moral ao cerne de sua essência pode vir a trazer grandes reflexões e mudanças completas de modo de viver. Quão bom é a ascensão do nosso eu de cada dia.

V. REFERÊNCIAS

Cabral, J. F. (2015). Pitágoras. Acesso em 01 de 08 de 2018, disponível em brasilescola.uol.com.br/filosofia/pitagoras-1.htm Escola:

Cagnin, L. F. (05 de 02 de 2016). Amy Winehouse e Kurt Cobain - O que aconteceu? Acesso em 05 de 08 de 2018,

disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5Vpne8BD2ys> You Tube:

Carvalho, O. d. (2013). O Mínimo que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota. Rio de Janeiro: Editora Record.

Dobelli, R. (2013). A Arte de Pensar Claramente. Rio de Janeiro: EDITORA OBJETIVA LTDA.

Giordano, T. M. (16 de 12 de 2012). Quando a Arte Liberta. Acesso em 04 de 08 de 2018, Disponível em [Unicamp: http://www.unicamp.br/unicamp/ju/549/quando-arte-liberta](http://www.unicamp.br/unicamp/ju/549/quando-arte-liberta)

Pecotche, C. B. (2012). A Herança de Si Mesmo. São Paulo: Editora Logosófica. Santos, E. R. (s.d.). O que determina a personalidade de uma pessoa? Acesso em 01 de 08 de 2018, disponível em [Canção Nova: https://formacao.cancaonova.com/atualidade/comportamento/o-que-determina-personalidade-de-uma-pessoa/](https://formacao.cancaonova.com/atualidade/comportamento/o-que-determina-personalidade-de-uma-pessoa/)

Távola, A. (s.d.). Artur da Távola: Música é vida interior, e quem tem... Acesso em 04 de 08 de 2018, disponível em [Pensador: https://www.pensador.com/frase/Nzk5NjU0/](https://www.pensador.com/frase/Nzk5NjU0/)

A Mente É Maravilhosa. (05 de 08 de 2017). A biografia de Viktor Frankl: o pai da logoterapia. Fonte: A Mente é Maravilhosa: <https://amenteemaravilhosa.com.br/viktor-frankl-pai-logoterapia/>

UNIVESP. (19 de 07 de 2010). D07 - Filosofia da Educação - Sócrates. D07 - Filosofia da Educação - Sócrates. Acesso em 15/07/2018. http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=23. Acesso em 17/08/2018.